

Carta aberta à ONU

Inequidade na saúde durante a pandemia: um grito de liderança ética global

**Sr. Antonio Guterres,
Secretário-Geral das Nações Unidas**

Como profissionais de assistência médica e saúde pública, cientistas, acadêmicos e instituições relacionadas, estamos gravemente preocupados com o crescente impacto da pandemia do COVID-19 entre os países mais vulneráveis e populações marginalizadas em todo o mundo. Os relatos da mídia que estão surgindo são de taxas de infecção e mortalidade mais elevadas em populações carentes. De Nova York a Nova Orleans e Chicago, nos EUA, até as imagens chocantes de corpos caídos nas ruas do Equador, vemos um prelúdio do impacto do coronavírus em países de baixa e média renda, que abrigam mais de 80% da população mundial.

Populações desfavorecidas e marginalizadas correm mais risco de serem infectadas. Elas têm maior risco de exposição devido à superlotação em residências e bairros, têm menos acesso a saneamento, são mais propensos a usar o transporte público e têm empregos que não lhes permitem trabalhar de casa. Além disso, em muitas partes do mundo, desafios cotidianos de uma vida precária podem superar a percepção dos riscos apresentados pela pandemia de coronavírus, tornando as pessoas menos propensas a adotar medidas preventivas, muitas das quais - como distanciamento social e lavagem frequente das mãos – são luxos que elas simplesmente não podem pagar.

Quando infectadas, as pessoas marginalizadas têm maior probabilidade de evoluir para casos graves, pois sofrem taxas desproporcionalmente mais altas de doenças crônicas, obesidade e desnutrição. Eles também são menos propensos a ter acesso, se houver, a testes e tratamentos, incluindo hospitalização e terapia intensiva, uma vez que os hospitais de suas comunidades já possuem pessoal e recursos insuficientes e, em muitos, os cuidados implicam despesas elevadas. Para os cidadãos mais vulneráveis do mundo, todos esses fatores aumentam a probabilidade de morte.

Apesar dos avisos ameaçadores, a maioria dos sistemas de saúde não estão preparados para lidar com uma pandemia desta magnitude, uma situação agravada pelo modelo com fins lucrativos onde a saúde é tratada como uma mercadoria e não um direito humano básico. Os desafios comuns incluem déficits graves no número de profissionais de saúde qualificados, infraestrutura e equipamentos hospitalares, leitos hospitalares e de UTI, equipamentos de proteção individual (EPI), material de teste, desde cotonetes a reagentes, meios para controle de qualidade dos testes e acesso a medicamentos (mesmo que experimental). Se os sistemas de saúde chineses, italianos, espanhóis e norte-americanos estão sendo sobrecarregados, podemos apenas imaginar o impacto nos países menos ricos.

Esta situação trouxe o melhor na natureza humana, ou seja, a solidariedade. Muitas histórias circulam sobre o apoio amável da vizinhança e o comprometimento dos

profissionais de saúde da linha de frente e daqueles que mantêm serviços essenciais durante a quarentena. No entanto, também estamos testemunhando as piores respostas, desde a acumulação de alimentos básicos e produtos de higiene por pessoas cegas às necessidades de outras pessoas, a acumulação de EPI, exames laboratoriais, medicamentos e ventiladores por países ricos, superando-se desesperadamente uns aos outros. Nas mesmas nações, a mídia revela planos para garantir patentes e benefícios de vacinas eficazes e medicamentos que salvam vidas, como vimos há 30 anos com o HIV / AIDS. Esse frenesi de acumulação é uma resposta ao pânico, mas também é associado a uma tentativa de extrair lucros da crise. Portanto, devemos perguntar: O que acontecerá com aqueles que não têm força econômica para superar os grandes jogadores? Os cenários para eles serão ainda mais sombrios à medida que novos medicamentos e vacinas forem desenvolvidos?

A acumulação deve ser condenada nos termos mais fortes. Em um momento de angústia compartilhada como essa, devemos ser capazes de recuar e nos unir em solidariedade, para que todos tenham pelo menos uma chance melhor de sobreviver a essa ameaça universal, porém desigual, que terá um impacto injusto, dependendo de onde se vive.

Propomos que o Secretário-Geral da ONU forneça o apoio necessário à Organização Mundial da Saúde (OMS), criando uma “Força-Tarefa Global para a Equidade da Saúde”, de forma intersetorial para enfrentar o impacto da pandemia do COVID-19 na dimensão da saúde e nas dimensões sociodemográficas e econômicas. A Força-Tarefa atuaria para apoiar a coordenação com os órgãos pertinentes da ONU, incluindo o Comitê Permanente Interagências (ASC, sigla em inglês) para respostas imediatas ao surto do COVID-19, o Conselho Econômico e Social (ECOSOC, sigla em inglês) e, se necessário, contaria com o apoio do Conselho de Segurança e da Assembleia Geral.

A Força-Tarefa, sediada na OMS, seria encarregada de tomar as medidas necessárias para exercer a liderança global necessária para uma resposta abrangente e focada no tratamento isonômico à pandemia, guiada pelos princípios éticos de justiça, beneficência e não maleficência e pela Declaração Universal dos Direitos Humanos. Incentivaria a cooperação internacional para a alocação justa de recursos a todos os países, conforme a necessidade.

A Força-Tarefa desenvolveria normas internacionais necessárias para apoiar a produção regional de qualidade de medicamentos genéricos, suprimentos e equipamentos. Consistente com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 3 da Agenda 2030 (garantir vidas saudáveis e promover o bem-estar para todos em todas as idades), essas normas devem abolir as patentes de qualquer suprimento, equipamento, medicamento e vacina relacionados a pandemia. Deverá apoiar a quantificação e a previsão de necessidades, tomando medidas para salvaguardar uma cadeia de abastecimento global equitativa e viável, com o apoio logístico necessário.

Ela se concentraria em aprimorar o desenvolvimento de recomendações sobre prevenção e reação, nos métodos do aumento da capacidade de sobrecarga para atender às necessidades de nossas populações mais vulneráveis e de maior risco em todo o mundo, incluindo comunidades que vivem em situação de pobreza; aqueles com alta prevalência de comorbidades; minorias raciais, étnicas e religiosas; e pessoas que vivem em abrigos, centros de detenção, campos de imigração e zonas de conflito.

O grupo de trabalho deverá igualmente aconselhar os países e as regiões sobre estratégias coordenadas, justas e equitativas de confinamento, ao mesmo tempo em que estabelece as bases e promovendo medidas para fortalecer os sistemas de saúde globalmente e minimizar as terríveis disparidades econômicas e sociais que levaram a essa desigualdade ampliada nos resultados da COVID-19.

Sr. Secretário Geral, as organizações e profissionais que assinam esta carta solicitam a Sua Excelência que atenda nossa solicitação e envolva os órgãos e programas pertinentes das Nações Unidas, a fim de apoiar os esforços para evitar os efeitos desastrosos esperados pela chegada da pandemia às pessoas mais desfavorecidas e marginalizadas do mundo. A magnitude do impacto dessa pandemia requer intervenções ousadas para proteger os mais necessitados.